

# A cerimônia do adeus

03 MAR 1980

O encontro de Fernando Collor com José Sarney ultrapassa os limites de visita protocolar de um presidente que entra a um presidente que sai. Pelo que se conhece



do comportamento de ambos, a ida de Collor ao Planalto deve ser vista como a despedida a um político que, desgraçadamente, se colocou de graus abaixo do pátamar de seu tempo. Sarney coordenou uma gestão fracassada e foi, no governo, um político démodé.

A sensação de que Sarney esteve todo o tempo desatualizado é decorrência de um discurso gasto, recheado de chavões e, mais que isso, dissonante: o País de Sarney é uma ilha de democracia, paz, prosperidade e bem-estar, plasmada pelas mãos de um estadista exemplar e raro no contexto das precárias democracias latino-americanas. Ele se auto-retrata como o construtor dos alicerces democráticos do Brasil contemporâneo. Aqui começa sua visão caolha.

As liberdades democráticas que o ex-trombetista da lendária Banda de Música da UDN diz ter concedido ao País e que elege como principal eixo de seu governo são consequência do esgotamento de um ciclo político, desenvolvido pelos militares e encerrado pelo caudaloso conjunto de pressões da sociedade. Sarney foi um acidente de percurso e apenas um agente do natural processo de diástole que abriu os pulmões da Nação.

Não se nega, evidentemente, seu esforço para preservar e, mesmo, expandir a expressividade da locução nacional. Mas aí a dizer que é o artifice da descontração nacional não passa de um deslavado exagero. Mesmo que quisesse, seria pouco provável um fechamento institucional, com o regresso dos rigores autoritários do militarismo. Um gover-

nante que respira ares de modernidade e procura compreender seu povo sabe que o clima de um País não é concessão de um poder onisciente nem um ato isolado de benemerência do círculo maior do estabelecimento político. Por pensar assim, Sarney lê errado sua administração e constrói uma falsa imagem de si mesmo.

Excluída a hipótese de o País ter sido guiado pelo **artífice das liberdades**, resta a análise de sua atuação no plano administrativo. Cabe, neste aspecto, a pergunta natural para qualquer governante: qual foi a grande obra de José Sarney? Ninguém, de bom senso, consegue adivinhar. Seus grandes projetos, como a Ferrovia Norte-Sul, apenas tiveram início, as zonas de exportação ficaram no papel, o Programa do Leite transformou-se em ferramenta eleitoral e assistencialista. E grandes projetos estão sendo transferidos para a próxima administração. Ressalva-se a política ambiental e defesa do meio ambiente, a cargo do Ibama, bem planejada e com resultados positivos.

O mais lamentável da administração Sarney reside no fato inquestionável de que ele teria excepcionais condições para acertar.

A começar pela eficácia de sua história política. Político combativo, inovador, afeito às lides intelectuais, portanto aberto às idéias do mundo moderno, o maranhense poderia ter antecipado o ingresso do Brasil no contexto da modernização que invade a geopolítica internacional. Mas Sarney foi, reconhecidamente, um conservador, ao contrário do parlamentar brilhante, tribuno de qualidades, um governador que abriu as janelas de um Maranhão pobre para uma fase desenvolvimentista, caracterizada pelo início da industrialização. Tinha uma imagem de progressista nos tempos do autoritarismo. Sai com uma imagem de conservador e ultrapassado.

**Com Sarney,  
o País  
chega ao  
fundo  
do poço**

Por que Sarney errou tanto? Como justificativa, aponta-se para a crise do Estado, construída a partir do endividamento feito pelos militares. Sabe-se, também, que o sucesso de um presidente se mede por sua capacidade de administrar a crise. Não foi o que se viu no governo Sarney. Com ele, o País chega ao fundo do poço.

Ele errou em não criar um sólido esquema de coordenação política. Ficou muito tempo à mercê dos partidos que lhe deram sustentação. Falhou porque nunca possuiu coordenação administrativa. O governo não teve um comandante. Os ministros se transformaram em feudos e os ministros, com raras exceções, em alinhavadores de projetos políticos pessoais ou de amigos. Pecou por não possuir identidade. Sem cabeça, o corpo não funciona bem. Vegeta. O fim é trágico. Um político brilhante fenece e deixa o comando da Nação com a imagem de homem tíbio, confuso, lerdo e sem criatividade.

Collor, ao contrário, parece desejar profundamente expulsar os demônios que fazem da política brasileira o inferno da administração. Se Sarney foi um governante movido a pressões, Collor quer conviver sem elas. Será difícil, mas o perfil do novo governante permite inferir que não fará do seu governo uma extensão das paróquias estaduais. Collor é claro; Sarney, disperso, lento. O que sai não tinha nada a dizer ao mundo. O que entra conseguiu dialogar na mesa dos grandes.

A liturgia do ex-governador de Alagoas extingue rituais antigos, paramentos enfeitados e o estilo gongórico e rococó dos sentimentos do passado. A liturgia do ex-parlamentar atuante da saudosa UDN parece coisa de museu. É por tudo isso que o encontro dos dois presidentes se assemelha a um aceno do futuro ao passado ou, mais precisamente é uma cerimônia do adeus ao ilusionismo retrógrado da velha política.

Gaudêncio Torquato é jornalista e professor-titular da USP